



REDACTOR PRINCIPAL * * *
Alexandre Vieira
EDITOR * * * * *
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formatário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.^o

Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talhava — Lisboa • Telefone: ?

A HIGIENE E A MISÉRIA

Com frequência se ouve dizer que o assento não tem nada com a miséria, e está-se tão habituado a ouvir fazer uma tal afirmativa, que inconscientemente todos a repetem, sem sujeitá-la ao mais leve exame, tornando-a como uma verdade irrefutável, quando no fundo essa afirmativa com fôrmas de axioma, contém muito de falsidade.

Sem pretender querer lanças para a imundice, que só repugnância e revolta me pode inspirar, por isso mesmo e simplesmente para colocar as coisas no seu lugar, ouso dizer que a grande, a imensa maioria daqueles que tanto insultam os pobres pela sua falta de higiene, são os maiores culpados, os ziminos responsáveis pela imundice em que vegetam os filhos da miséria, que tudo produzindo, nada possem de belo e de salutar, que fortaleça o ânimo, que desperte a alegria de viver, que inspire as criaturas para o trabalho e para o bem.

O proletário veste sempre de mau pano e calça de mal calçado, porque não pode vestir e calçar bem, como sucede ao rico, que ninguém vê de fundilhos nas calças ou de cotovelos remendados, nem com as botas rôtas e saltos cambados.

A escola, os próprios enfermeiros dos hospitais, as prisões, por onde os pobres passam na sua via dolorosa, tudo leva a estigma da miséria, o ferrete da imundice que acompanha a vida do pobre, — desde o berço de farrapos até as quatro táblias caladas do esqueleto, quando esse luxo lhe é permitido, pois que não raras vezes tem de malhas com o canastro na vala comum, e que é comum só para os mais miseráveis, — tudo predispõe os indivíduos para o relaxamento, para o desapêgo à vida, inspirando-os para o mal, fazendo-lhes despertar o ódio a tudo e a todos, um ódio estúpido, mau mas justificado.

Haverá, sem dúvida, muitas pessoas e algumas delas muito sentimentais, bem pensantes, até muito amigas das reivindicações populares, as quais estas minhas asserções causarão calafrios e energicos protestos, mas tudo isso não conseguirá destruir esta verdadeira a miséria é inimiga do asseio.

Porque ser assedo não é simplesmente lavar a cara todas as manhãs usar um colarinho limpo e lustroso e uma gravata mais ou menos vistosa.

E se nem em todos os temperamentos a situação de miséria e de imundice em que se vive, influi, ela concorre quase totalidade dos casos para um estado psicológico muito especial, de que os indivíduos não são responsáveis, pois as manifestações a que ele dá lugar, e que tanto parecem chocar os corações sensíveis de burgueses e semi-burgueses, são o resultado dum situação económica e social contrária à justiça e à humanidade, contrária às leis da natureza.

Toda a vida do pobre é imersa numa atmosfera abravadoras; as casas em que ele habita são, exterior e interiormente feias e tristes, as divisões são acanhadissimas, sem luz, sem ar, húmidas e fétidas, quase sempre por efeito da péssima construção, propostamente descuidada por se destinar a gente de poucos haveres; em muitas delas a água escorre pelas paredes e o bolo surge como decorção inevitável; a canalização de despejos, quando existe, é avariada, defetiosa, obrigando o desgraçado inquilino a viver numa perfecção cloaca.

Tratado de relance o que se refere propriamente à habitação, do mesmo modo passarei a referir-me ao techo da casa, ao mobiliário, se, assim devo chamar aos sombrios trastes que adoram a moradia dos pobres.

Os ricos podem, além de comprar novo e bom, fazer renovações no seu mobiliário, mas os miseráveis, esses, quando compram novo, é sempre feio e ordinário, porque a especulação industrial e comercial assim impõe, e os tarecos que se compram ao iniciar a vida da família, mantêm-se pela vida toda a um transe, embora espatifados, sem concerto, porque não podem comprar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

E educar não é falar-lhes simplesmente de ciência, que elas não podem compreender; é levá-las ao convencimento que só pela mais estreita e sincera solidariedade estabelecida entre todos os que sofrerem e lutam, só pelo abandono de preconceitos, egoísticos e estúpidos, só pela conquista dia a dia de novas melhorias morais e materiais, só pelo constante estabelecimento e aperfeiçoamento de instituições populares, sem concerto, porque não podem combinar outros. Em muitas e muitíssimas casas do pobre não se conhece o que se uneia uma mesa de jantar nem um guarda-louça, e se existe um leito de ferro, com um colchão de palha já reduzido a moinha e quasi podre, para os pais, os filhos tem de dormir no chão sobre farrapos, no mesmo quarto, numa pre-misericórdia terrível e desoladora; a roupa, a escassa e continuamente lavada e remendada roupa, anda por malas e caixas, porque um guarda-fato é coisa que não é permitida em casa do pobre, onde os bancos de costura substituem quasi sempre as cadeiras, e quando estas existem encontram-se por via de regra desengonçadas, com os pés brincados e os furos esburacados; os utensílios de cozinha é tudo o que há de mais lamentável, fogareiros, panelas e cafeteiras, sem azas, cheias de concretos, as quais muitas vezes não se podem limpar convenientemente, arranjo-as, por sua vez, sucede, camaraçadas em que tem vivido.

O que não se justifica é o abandono em que se tem deixado o povo, e justó que os causadores da sua infelicidade colham o resultado do seu baixo procedimento; o que não se justifica é o povo, a repulsa que a alguns parece inspirar a sua atitude agressiva, mas que desculpável, dada a violenta injustiça da sociedade burguesa, que tanto o fez; é preciso no encontro dos miseráveis, dos mais ignorantes, não para os desmentir nos seus anseios de justiça, mas para os acompanhar, para os educar, a fim que elas saibam com mais consciência o que querem e para onde vão, para que não ataquem ás cegas, ferindo, como, muitas vezes sucede, camaraçadas da mesma causa.

A BATALHA

NO PORTO

Prossegue a luta pela conquista das 8 horas

PORTO, 24.—C.—A conquista das oito horas continua sendo o assunto de todas as reuniões operárias, onde é censurado o procedimento dos governantes que se prostraram de cocôs perante as quixotescas ameaças dos industriais e dos comerciantes, que são quem dão cartas nesse país de operaria. As sessões permanentes ainda não fizeram, porque ainda faltam algumas classes, poucas é certo, obter o horário das 8 horas e porque é preciso estar de atalha com os meios industriais. Algumas destes, que foram coagidos pela pressão dos seus empregados, a conceder a redução do horário, pensam na melhor maneira de fazer voltar tudo à situação anterior. Por este motivo os tanoeiros daqui, conjuntamente com os de Gaia, declararam a greve geral da classe, distribuindo ontem um manifesto elucidando o público das razões fundamentadas do seu gesto ativo.

Uma comissão dos oficiais barbeiros e cabeleireiros percorre todas as lojas de barbearia no sentido do colher adesões ao horário definitivo, encontrando, porém, uma certa relutância na parte dos maiores teimosos e casmurros, que temiam precipitar a classe numa luta escusada. Os operários de funileiro e artes correlativas acataram-se e um em se para resistir por todos os meios às pretensões do patronato que se preparam com a potreira que impõem ao consumidor e com a fraude no peso do pão, de que é vítima o comprador, que larga a sua pele ao balcão, reinam-se e apreciam-se mal humoradamente a comunicação da Associação de Operários Manipuladores de Pão, que participa haver resolvido em assembleia magna da classe ser regulamentadas as oito horas de trabalho de noite até que venham decretadas a transformação para de dia, entrando os amassadores às 24 horas e os fornecedores às duas.

Como os manipuladores de pão fixaram o prazo de oito dias para os proprietários de padaria pôr em execução o horário referido estes assustaram-se reprovaram a resolução dos seus empregados e foram de romagem ao governo civil expôr a si, ex.^a o chefe do distrito tudo quanto se passava, na intenção altruísta de o prevenir das iminentes ocorrências que se vão esboçar, falando o pão na cidade o que é de uma grande vantagem para o tempo... motivo porque merecem um louvor publicado num suplemento do Diário do Governo.

Oz industriais de alfaiataria, querendo formar o salto à bôlha do desgosto, anunciam ter aumentado 20% na mão de obra e 20% aos oficiais de dia, e salta imediatamente a comissão de oficiais e costureiras de alfaiate que dirige as reclamações da classe a denunciar tal falsidão tendenciosa pois pela tabola que lhe foi enviada verificou que os industriais apenas dão \$40 a mais sobre os preços actuais. Enfim, as classes dominantes estão inquietas em face de tantas reclamações e de tantas organizações de sindicatos operários a que lhes chamam centros focos de indisciplina social, de conspirações revolucionárias e "bolchevistas". Agora dálhes.

Perste o conflito entre as empresas e o pessoal das minas de S. Pedro da Cova

As empresas das minas de S. Pedro da Cova prosseguem na sua irritante e intrinsíca provocação para com os seus assalariados. Nada os faz comover e nenhuma forma de convencer as autoridades administrativas de que a razão está do lado dos infelizes, e espalhados mineiros. Estes, em sucessivas comissões, tiveram feito ver ao chefe do distrito, o qual, mais dum vez, tem afirmado as suas simpatias pelas revolucionárias proletárias, que a situação económica dos seus lares é excepcionalmente arrapadora; tem-lhe demonstrado, com mil argumentos irrefutáveis, que tendo S. Pedro da Cova de abastecer-se nos mercados cittadinos, a vida lá torna-se mais difícil ainda, triplicadamente, mais insuportável do que na cidade, tem-lhe dirigido convites para mandar um representante seu, ouvir mesmo ressoavelmente, indagar da miséria daqueles toupeiros produtivos, de cujo inquérito concluirá que não há um ministro sequer que possa uma enxerga onde repousar convenientemente o seu cadáver animado e moído de trabalho bestial. Mas... empresas e autoridades estão das mãos dadas na exploração e pouco se preocupam com a miséria revoltante dos que trabalham toda a vida a traquecer patifes. Resultado... a tal conturbadora da ordem social e burguesa.

Uma conferência—Prevenções

Nunca dia desta semana, e a convite de um grupo de camaradas que, por meio de toda a propaganda possivel, tanto oral como escrita, procura levantar o nível moral e intelectual dos trabalhadores incultos, o camarada Costa Carvalho realizou, na Foz do Douro, no teatro Luis Marinho, uma sugestiva conferência subordinada ao título A Revolução Russa e a Questão Social.

Durante hora e meia expôz claramente o significado do grandioso movimento moscovita, a sua influência no mundo trabalhador, desmascarando as artimanhas usadas pela imprensa burguesa, que tenta amesquintar e desacreditar a revolução maximalista—pretendendo evitar a sua expansão e o seu triunfo no resto da Europa. Como casualmente se encontrasse presente o camarada José Augusto Ferreira, de Vila Real, este também fez breve alusão à causa trabalhadora—sendo C. Carvalho e A. Ferreira muitíssimo aplaudidos, refirando-se a assistência impressionada.

Há três dias que os grupos civis, polícia, guarda republicana e exército leem estado de rigorosa prevenção, devido aos inúmeros e desencontrados boatos que os próprios zeladores do ordenamento ainda mais curso lhes dão. Ontem, por exemplo, um desses vigilantes apresentou-se no governo civil a declarar

OLYMPIA Desde as 2 da tarde
FORMIDAVEIS SUCESSOS
A CANÇÃO DO FOGO (Marcha triunfal), 4 actos
pela ideal ROBINNE :
O TENENTE DE LANCEIROS, 5 actos—A ESTRANGEIRA, 5 actos
de Serrane—Breve, A FLEXA DE OURO, aventuras

Bradmia Musical do Comando Geral de Artilharia

Na sede deste organismo realizou-se ontem uma festa íntima a que assistiu o dr. Sobral de Campos, director do Asilo de Santo António dos Capuchinhos, que pertence o edifício da referida sede e que ali foi, a convite da direcção da referida Academia.

O camarada Raul Guerreiro, em nome da direcção, de que faz parte, deu as boas vindas ao dr. Sobral de Campos, que, acompanhado por aquele e por outros camaradas, também da direcção, percorreram as dependências da sede cujo edifício é um casarão solarengue, em condições que o tornam inadaptável a outro fim diverso daquele para que serve actualmente.

Terminada a visita às dependências da sede o camarada Raul Guerreiro expôz ao dr. Sobral de Campos as dificuldades com que luta a Academia por falta de recursos, inclusivamente para a substituição dos velhos fardamentos do pessoal da banda, pedindo-lhe que não elevasse a renda da casa já superior aos recursos pecuniários da Academia e que conservasse esta como inquilino do prédio carecido de reparações interiores que o dr. Sobral de Campos declarou não poder mandar fazer desde já, comprometendo-se, apenas, a satisfazer aqueles pedidos, de conformidade com os motivos alegados pelo camarada Raul Guerreiro que, em nome da direcção, agradeceu ao dr. Sobral de Campos o deferimento dos pedidos que acabava de lhe fazer.

Em seguida, e numa dependência da sede, serviu-se um refresco aos visitantes que trocaram impressões durante o acto, tendo comparecido também alguns operários do Depósito Central de Fardamentos.

Batalha fez-se representar pelo camarada José Benedito e a banda da Academia, com o costumeiro brillantismo, executou diversas peças do seu repertório, tocando também o seu hino, o hino de A Batalha e a Internacionál.

Al. Afonso, o dr. Sobral de Campos foi acompanhado até à rua pela direcção e por outros camaradas da Academia, como também por outros camaradas visitantes, tocando-se nessa ocasião os mais amistosos cumprimentos de despedida, não se efectuando a sessão anuviada em consequência de não terem podido comparecer diversos camaradas que nela deviam usar da palavra.

Um pesadelo

O cidadão Jorge Fernandes, residente no Samouco, em vez de se conservar por lá, no seu copinho do afamado sumo da sua regional, viu a si Lisboa amada e pôs-a a dormir com um justo sumo banco do Terreiro do Paço.

Não sabemos se sonhou ou não coisas deliciosas ou desagradáveis, mas quando acordou que era teve, com certeza, um grande pesadelo ao encontrar-se vivo da sua cama com 4000.

Saiu-lhe cada a soneca.

Batalhas, Universidades e Escolas

Universidade Livre—Realizou-se ontem a décima conferência do Curso de Ciência Política e Direito Político.

O camarada José de Mora, definindo o Estado, fez a história da formação da sua ideia e a aspiração dos poderes. Analisou o processo vicioso da promulgação das leis, do trabalho das comissões parlamentares e das discussões e votações. Expos as doutrinas pró e contra o parlamentarismo, o seu carácter técnico das leis. Em termos de direitos e deveres do cidadão, o desenvolvimento político de evitar o despotismo e o seu modo de evitar os excessos.

O camarada José Benedito, o seu sobreditado, e a sua ideia de que o sobreditado é a eleição dos substitutos, o presidente da assembleia geral abriu a sessão das horas marcadas, encerrando imediatamente a mesma.

Eis os nomes dos sócios que regulariam a assembleia geral e que a nossa redacção vieram formular o seu protesto:

António da Costa, Artur Domingues, Antônio Dias Pires, Francisco Alves da Silva, Antônio Ferreira, Tenente Isidoro do Oliveira Lourenço, António Díaz, Vieira Belo, Gaudêncio, Joaquim Marcos da Silva, Joaquim Nunes, Manuel de Almeida, Manuel Matos, Amadeu Espírito Santo Casal, José Augusto Lobo, Joaquim Esteves Junior, Hernâni Nunes, Artur Constantino e Francisco Ferreira Tenente.

Uma embrulhada

O guarda n.º 2162 participou, não se sabe a quem, que uma qualquer individual encontrou na sua casa uma traveza que queria embrulhar com a sua crista morta.

Dirigiu-se o dito guarda ao local e verificou o ebito da criança em litigio.

Nesta altura não aparece mais policial mas compõe-se o caso com o aparecimento de duas outras individus que também estavam a ser julgados.

Para terminar, o conferente foi muito aplaudido. A décima primeira conferência deste curso realizar-se-há no próximo domingo.

Reunião de anarquistas

O grupo "Rebeldes" convocava para ontem uma reunião magna de anarquistas e sindicalistas, a fim de discutir a orientação a tomar em face da revolução do oriente e definir atitudes perante a Federação Maximalista.

O camarada José Benedito, da sua entidade, fez a sua contribuição para a discussão das questões de direitos e deveres dos operários sindicalistas. São dignos de ter direitos sociais e políticos os que têm interesse pela vida colectiva, e estes são majoritários os sindicalistas.

Ao terminar, o conferente foi muito aplaudido.

A décima primeira conferência deste curso realizar-se-há no próximo domingo.

Coluna Esperantista

Líbano Verda Stelo—Esta sociedade esperantista reuniu em assembleia geral, às 22 horas, prefixas. Pediu-se a comparsa de todos os sócios esperantistas.

Está aberta a matrícula do curso para o sexo feminino, todos os dias úteis, das 20 às 21 horas.

As eleições administrativas

Effectuar-se-ão ontem as eleições municipais, tendo o juiz do município de Lisboa, os democrtáticos e os socialistas.

As primeiras pela maioria pela maioria e os segundos pela minoria.

A abstêncio foi tremenda, muito maior que nas últimas eleições parlamentares.

A demonstrar que as eleições passaram despercebidas, basta o facto de na freguesia de S. Julião, onde há 5.800 eleitores, só terem entrado na urna 250 listas.

Na freguesia do Sacramento entraram apenas 121 listas; quando das eleições últimas para deputados e senadores o número de votantes foi de cerca de 360. Em muitas assembleias não chegaram a constituir-se, mesas devidas à falta de eleitores e das entidades que haviam sido nomeadas para as constituir.

Em outras secções de voto, as mesas tiveram de se juntar, como sucedeu nas freguesias dos Anjos e de S. Julião. Nesta última, as secções de voto, que são 10, funcionaram em 3 meses, uma com 4 secções e as restantes com 3 cada.

Muitas assembleias só às 10 e 10 horas e meia se constituíram, motivo por que os trabalhos só ao fim da tarde ficaram concluídos.

Os gatunos furtaram...

Estão quem havia de furtar?

Se os gatunos que furtaram, ainda que sejam honrados comerciantes ou açucareiros.

Furtaram objectos no valor de 7000\$00 sr. Francisco dos Santos.

Mas, quem que não seja, felicitamos o sr. Roberto Oliveira, também os gatunos furtaram roupas no valor de 2170\$00.

As furtadas foram feitas a 20 de Junho, e a 21 de Junho.

Portanto, a 21 de Junho, acolhemos os felicitamos.

A nós, se elas nos furtaram toda a roupa que temos em casa e se se vestiram com ela haviam de tirar com frio, mesmo estorrei o sol num areal africano.

Matinée e Soirée

OLYMPIA Desde as 2 da tarde

FORMIDAVEIS SUCESSOS

A CANÇÃO DO FOGO (Marcha triunfal), 4 actos

pela ideal ROBINNE :

O TENENTE DE LANCEIROS, 5 actos—**A ESTRANGEIRA**, 5 actos

de Serrane—**Breve, A FLEXA DE OURO**, aventuras

A BATALHA

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federacão Nacional Corticeira.

Sobre a presidencia do camarada João Guerreiro, secretariado pelos camaradas Júlio Carrasquinho e Henrique Júlio, reuniu ontem esta Federacão. Do expediente destaca-se: comunicação da seção do Porto e Gaia, informando que a sua decadência é motivada pelo muito indiferentismo e irregularidades dum camarada; de Extremoz, comunicando ter aceitado a nova cotização federal a partir do presente mês; de Silves comunicando algumas divergências na forma de estabelecer o horário de trabalho, quanto aos empregados, resolvendo-se oficiar, dando informações detalhadas de Sines, por intermédio do seu delegado, informando a conquista das reclamações federais, a resolução unânime dos corticeiros, em se associarem e ainda o não consentimento da localidade corticeiros não sindicados, e ainda informando a filiação de madrugada, secções estranxeiros, eis os resultados.

París, 24.—Le Journal diz que à França e à Inglaterra são dadas compensações e aumentos coloniais a título de rectificação de fronteiras. O sul da África foi concedido à Itália. O mesmo jornal diz também que os últimos dias serão consagrados ao estudo das modificações da clausula que obriga a Alemanha a resgatar imediatamente em euro a bacia do Sarre, no caso de perecer.

PARIS, 24.—Le Journal diz que à França e à Inglaterra são dadas compensações e aumentos coloniais a título de rectificação de fronteiras.

O imperialismo colonial dos aliados—Os prisioneiros de guerra austriacos—As questões tcheco-eslovacas

PARIS, 24.—Le Journal diz que à França e à Inglaterra são dadas compensações e aumentos coloniais a título de rectificação de fronteiras.

O consulado de Portugal em Paris, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no tratado de paz com a Áustria e da questão dos prisioneiros de guerra austriacos.

O conselho dos 4 chefes dos governos, que reuniu esta manhã, ocupou-se das condições militares a inscrever no